

ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

ANO IV — Nº. 40 — DEZEMBRO DE 1978
BLUMENAU — SC. — Cr\$ 5,00

Ensino gratuito é ficção?

"A organização do sistema de manutenção do ensino, qualquer que seja seu nível e grau, não pode continuar armando a ficção da gratuidade. Nem a escola pública nem a particular devem ser indiscriminadamente gratuitas, salvo que comprovarem insuficiência ou falta de recursos; posso aceitar que a escolarização regular, até os 14 anos, quando mantida pelo Estado, possa ser universalmente gratuita, desde que ela se organize numa estrutura de efetiva participação comunitária, definida em lei".

A opinião é da professora Dalva Assumpção Souto Meior, delegada do Ministério da Educação e Cultura de São Paulo e Mato Grosso do Sul, e foi levada a público durante a realização do Segundo Seminário de Direito Educacional, em Campinas, ao falar sobre "A Consolidação da Legislação Educacional como Etapa para um Futuro Código".

De acordo com ela, "em nenhuma hipótese, com o crescimento demográfico, haverá condições de se captarem recursos por tributação direta ou indireta para expansão da rede física e dos recursos humanos de operação educacional. Todos os que podem pagar a remuneração devida pela prestação de serviços educacionais pelo Estado devem fazê-lo, para que haja uma apropriação, ao menos dos dispêndios com custeio. Os que não podem pagar terão o benefício do ensino gratuito. Não existe boa educação que seja barata. E em nenhuma hipótese, o Estado (União, estados e municípios) dispõe de recursos necessários e suficientes para atender a expansão dos sistemas educacionais, mantidos sua eficácia e qualidade. A boa educação, que é cara, não pode ser deteriorada, ao pretexto da gratuidade".

Quanto ao ensino superior, Dalva Assumpção é favorável à extinção to-

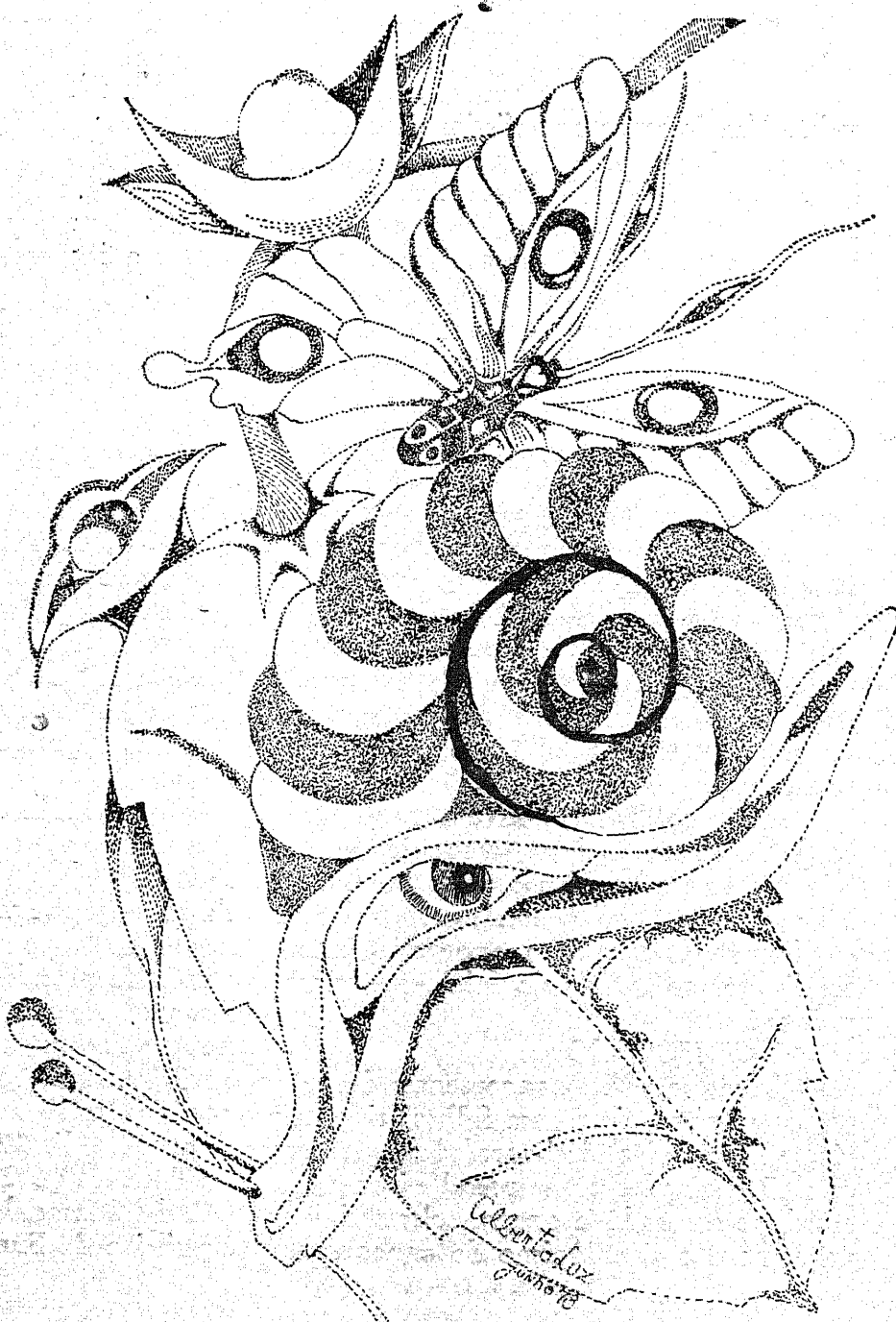
tal da gratuidade, "especialmente no sistema público. No sistema privado

de manutenção deve ser chamado a expandir-se, em bases seguras e com a qualidade que esperamos possa ser alcançada a médio prazo. É necessário que se criem empresas de prestação de serviços educacionais, com lucro disciplinado em lei. A ausência de fins lucrativos, todos o sabemos, é uma proposição jurídica que termina numa ficção contábil".

CONSEQUENCIA DA LEI

"Desde o Império até hoje, no Brasil, é a lei que se antecipa ao processo educacional. A lei definiu historicamente os procedimentos da educação formal, regulou-os e disciplinou-os a tal ponto que se pode afirmar, sem sombra de erro, que o processo educacional, ao invés de ser uma consequência imediata de uma proposta de organização comunitária da sociedade brasileira, passou a ser uma seqüela do direito objetivo".

Na opinião da professora, "a contradição atingiu tal porte que podemos afirmar que a educação brasileira é apenas o fruto da lei que a institui ou regulamenta. A legislação básica da educação brasileira é mais do que suficiente, se o Brasil efetivamente assumir o processo educacional como atividade de nível comunitário. Uma lei — diz ela — não é boa nem má: sua execução e sua implementação é que podem sê-lo. Poderá ser feita uma adequação, uma remontagem, mantendo os conteúdos fundamentais das leis básicas. Mas a melhora dos instrumentos institucionais dependerá — e sempre dependerá — do nível de envolvimento das estruturas comunitárias no processo da educação".



Entrevista com Carlos Scliar (II)

ACADÊMICO

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.

Maria Odete O. Olsen

Domingos Sávio Nypes

Roberto Diniz Saut

Fred Richter

José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, a polémica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

EXPEDIENTE

Diretor Responsável — Oldemar Olsen Jr.

Redatores — Maria Odete O-nório Olsen; Roberto Diniz Saut; Celso Vicenzi; Alexandre Hackbarth.

Colaboradores — Intelectuais gente com idéias, enfim, elementos que ainda acreditam e por isso continuam brigando junto conosco por algo melhor.

Estágios de Estudantes

A Lei nr. 6.494, de sete de dezembro, que dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e de ensino profissionalizante do 2o. grau e Supletivo, foi publicada no Diário da Justiça de nove do mesmo mês.

As referidas pessoas jurídicas de Direito Privado, os órgãos de Administração Pública e as Instituições de Ensino, na forma daquele diploma legal, podem aceitar, como estagiários, alunos regularmente matriculados e que venham frequentando, efetivamente, cursos vinculados à estrutura de ensino público e particular nos referidos níveis. Além do aspecto profissionalizante, direto e específico, o estágio poderá assumir a forma de atividade de extensão, mas somente valerá quando feito em unidades que tenham condições de proporcionar experiência prática na linha de formação, sendo essencial o termo de compromisso que deve

ser celebrado entre o estudante e a parte concedente, com interveniência da instituição de ensino, salvo quando realizado sob a forma de ação comunitária.

Segundo o art. 4º. da prefalada lei nr. 6.494, o estágio não cria vínculo empregatício, podendo o estagiário receber bolsa, ou diversa forma de contraprestação acordada, ressalvado o que dispuser a legislação de previdência social, devendo o estudante, em qualquer hipótese, estar segurado contra acidentes pessoais.

A jornada de atividade deverá ser compatível com o horário escolar e o das respectivas entidades, exceção feita do período de férias, quando então a jornada de estágio será estabelecida de comum acordo com as partes interessadas, mas sempre mediante a interveniência da instituição de ensino.

J. Antero de Carvalho

Lançado concurso em âmbito nacional

Foi lançado no dia 20 de dezembro na sede da Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro da Funarte (Rua do Catete, 179, Rio) o Concurso Sílvio Romero de 1979, de âmbito nacional, que dará 50 mil cruzeiros à melhor monografia que tenha como tema qualquer assunto ligado ao folclore brasileiro.

Ainda no dia 20, houve o encerramento do curso de folclore do município do Rio de Janeiro, e foi aberta ao público a Biblioteca Amadeu Amaral, especializada em literatura, ensaios, monografias e textos ligados ao estudo do folclore e antropologia.

O CONCURSO

As monografias concorrentes deverão ter no mínimo cinquenta folhas tipo ofício, em três vias, datilografadas em espaço dois, assinadas com pseudônimo. Em envelope separado e opaco, sobrescrito apenas com o pseudônimo do concorrente

e o título do trabalho, deverão vir as informações identificando os autores. Em caso de fotografias, mapas, desenhos e croquis, basta o envio de uma via de cada peça. Só serão considerados os trabalhos monográficos, inéditos e originais, não divulgados por qualquer meio de comunicação social.

Os trabalhos serão julgados por uma comissão de três membros, convidados pelo diretor-executivo da campanha. Além da monografia vencedora, serão concedidas até três menções honrosas e todos os trabalhos premiados serão publicados pela Funarte. As inscrições poderão ser feitas na sede da campanha até o dia 15 de junho de 1979. O prêmio Sílvio Romero 79 e os certificados de menção honrosa serão entregues no dia 22 de agosto de 1979, "Dia do Folclore" e 21º Aniversário da Instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro da Funarte.

TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL
"ATENDEMOS BEM PARA
ATENDER SEMPRE".

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.
ITAJAI: Rua Hercílio Luz, 309 2º. andar — Sala 8 — fone 44-0315

LEIA,
DIVULGUE
E ASSINE.

Acade=
mico

Ex=revista escrita agora é livro

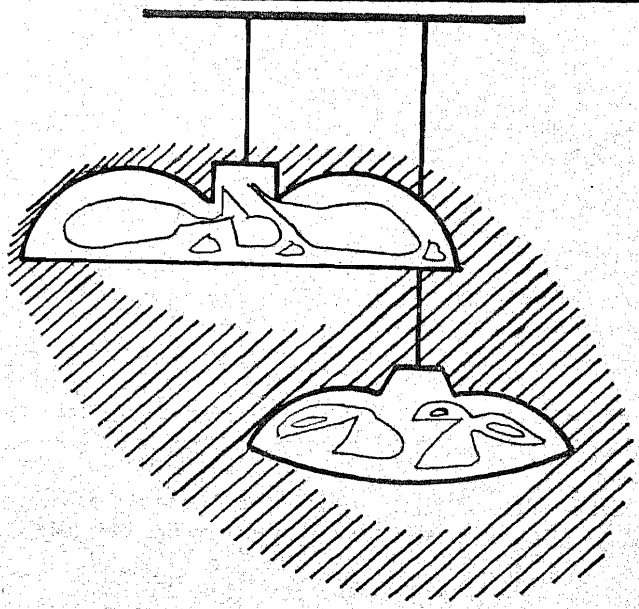
Em outubro de 1975, quando mal começava a despontar entre os editores o interesse pelos novos autores brasileiros, surgiu a revista Escrita, cuja filosofia era revelar ao público a literatura brasileira — ficção e poesia — que se encontrava engavetada em várias partes do país. De lá para cá, com o inflacionamento do mercado, pelo surgimento de várias revistas com edição sistemática de obras de autores jovens, mais os problemas de distribuição, fez com que Escrita tivesse sua publicação suspensa.

“Precisava de tempo para pensar”, revela o seu editor, o jornalista Wladyr Nader, que dirige em São Paulo, a Editora Vertente e também uma livraria.

Agora, passado o tempo de reflexão, Escrita volta a procurar seu público no decorrer deste ano, não mais em forma de revista, que chegou a tiragem de 15 mil exemplares, mas de livro, para que possa ser distribuída em livrarias.

Além dessa publicação, a Vertente relançará Escrita-Ensaio (revista na área de ciência humanas), continuará sua coleção literária a preços baixos e desenvolverá a política de revelação de autores, realizada anteriormente mediante concursos, com os recitais de poesia da Livraria Escrita. Com o objetivo de conquistar uma nova

faixa de leitores para o livro, Wladyr passa também à publicação sistemática de literatura infantil.



INSTALADORA BLUMENAU
LUSTRE — DECORAÇÕES
 Rua XV Novembro, 1389 — F: 22-1264

Universitários têm baixo aproveitamento

A universidade brasileira ainda é um privilégio das classes mais altas: esta é a conclusão de um estudo promovido pelo departamento de Assuntos estudantis do MEC, que revela que menos de 8% dos universitários pertencem as camadas mais pobres da população. Apesar disso, a pesquisa indica também que o rendimento aca-

demico vem caindo sensivelmente desde 1971, ano em que começou a ser implantada a reforma de ensino estabelecida pela Lei 5.692. Tomando por base períodos de quatro anos, os redatores do estudo, elaborado pelo Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia, afirmam que, após um crescimento que chegou a

um ponto máximo de 82,9% em 1971, o aproveitamento médio caiu a 58,2% em 1975. O estudo, que traçou um perfil dos estudantes da Universidade Federal da Bahia, servirá de padrão para um levantamento completo das condicionantes sócio-econômicas do aproveitamento escolar dos universitários bra-

sileiros, que deverá estar pronto em 1979. As conclusões obtidas com o levantamento servirão de base à política de ação de assistência estudantil do MEC, que até hoje se ressentia da falta de um quadro realístico das condições sociais e econômicas do estudante universitário.

Concurso de Contos comemora Macunaíma

A Fábrica de Aço Paulista, com a finalidade de comemorar os cinquenta anos de publicação de Macunaíma, de Mário de Andrade, está lançando um concurso de contos que dará ao vencedor 10 mil cruzeiros de prêmio. A Faço já apontou o júri — Fernando Coelho, teatrólogo, Mário Garcia-Guillén, escritor, e J. Caesar, sociólogo e

cartunista — que pronunciará o resultado do concurso em 20 de abril próximo. Os concorrentes deverão enviar seus trabalhos à sede da empresa, na Avenida Presidente Wilson, 1.716, em São Paulo, até 28 de fevereiro. Os contos serão assinados com pseudônimo, acompanhados de envelope fechado contendo a identificação do autor.

Livraria Acadêmica

AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

HUMOR

O Assalto

Carlos Adauto Vieira

Ariovaldo foi criado à solta. Os pais, tendo de ir à fábrica obter com a soma dos seus salários numerário, para atender precariamente às despesas da casa, o deixavam com uma tia velha, a qual não dava conta de impedir que as crianças — e eram seis!

Vivessem mais na rua do que em casa. Assim o menino, muito vivo, desde cedo enveresou pela vadiagem, indo em longos passeios caçar passarinhos, pescar caranguejo, furtar frutas. Sim, começou por furtar frutas, depois os passarinhos que caíam no alcapão da guriada, depois os peixes dos balaios, depois pequenos objetos canivetes, faquinhas, bolinhas de gude, atradeiras etc... e, depois finalmente, em companhia de mais velhos, começou a roubar em lojas, armazéns, mercadinhos e residências.

No longo aprendizado para o crime, revelando, imediatamente, inteligência e coragem, ganhou fama entre os marginais, que o respeitavam, igualmente, pela capacidade de liderança.

Bem depressa descobriu que a cidade era pequena para a sua ambição e mudou-se para outra, maior, cujos alicercos eram uma pujança industrial um comércio variado e uma bem desenvolvida agro-pecuária.

Ali teria mais campo para prosseguir no seu aprendizado, que incluía, também, a leitura de revistas sobre crimes e livros com histórias policiais. Durante uma boa parte do dia,

ficava no quarto do pequeno hotel, onde se hospedava, e lia, travando conhecimento com os sucessos de grandes criminosos, grandes assaltantes, grandes ladrões.

Em contato com colegas, aprendeu a pungar, isto é, a bater carteiras, abrir fechaduras até de cofres com segredo, escalar prédios, quebrar vidraças sem barulho.

Aos poucos, foi-se tornando um perito. Mas achava aquilo tudo coisas sem graça, sem emoção, indignas dele.

Pretendia o grande lance, o grande golpe, o assalto espetacular que obrigasse os jornais a falar dele em manchetes garrafais. E lhe surgiu, então, a idéia de assaltar um banco.

Escolheu um capaz de lhe proporcionar uma boa bolada e passou a observá-lo. Abriu uma pequena conta, que movimentava diariamente, para ter o pretexto de frequentar o estabelecimento. Percebeu, entretanto, que muito mais fácil do que assaltar o banco, era assaltar cobradores de firmas, os quais as vezes sacavam, despreocupadamente, vinte ou trinta milhões de cruzeiros velhos e os ficavam contando no balcão com a maior calma do mundo.

Não seria difícil escolher um deles e, quando puzesse o dinheiro sobre o balcão, assaltá-lo. Mas precisava escolher um certo, para não falhar o golpe e achou-o. Era um senhor, com cara de anão de Branca de Neve, ale-

gre, sempre de boina e um charutinho na boca. Por detrás dos óculos, olhos muito vivos e cheios de bandade. Ia muitas vezes ao Banco fazer saques ou depósito. E, infalivelmente, a cada dia oito, — salvo se não houvesse expediente — retirava o pagamento dos operários da fábrica de tecidos, de que era procurador. Punha o bolo todo do dinheiro em cima do balcão e ia contando os maços e arrumando dentro de uma pasta de couro marrom. Bastante syrada. Gênio extravertido, facilmente tratava conversação com outras pessoas. Assim, não foi difícil ao Ariovaldo abordá-lo, procurando colher o máximo de dados para o seu plano. Não podia falhar. Fôra bem escolhida a presa. No próximo dia 8 iria ao banco encestaria no balcão perto da sua vítima e quando ela já tivesse arrumado mais ou menos todo o dinheiro na velha pasta de couro, jogaria um maço de notas, que levaria só para isto, no chão procurando atrair a atenção do procurador e, quando este se abaixasse para apanhar o maço, daria uma pancada na cabeça, gritaria:

— O homem está tendo um ataque. Cuidado! Cuidado!

E, calmamente, no meio da confusão, se retiraria levando a pasta com os milhões.

Não poderia falhar. Depois, daria o fora da cidade, indo para um centro maior, gozar o dinheiro.

No dia, já com uma pequena mala de roupa, vestindo uma capa de naylon e um chapéu para se disfarçar um pouco, levando no bolso o maço de cem mil cruzeiros velhos em notas de cinco mil, entrou no banco e ficou esperando a sua vítima, que não tardou. Cumprimentaram-se e pareceu a Ariovaldo que o homem estava mais alegre do que de costume abandonando para os funcionários e falando com pronúncia carregada de europeu:

— Hoje foi levar um tinheron. A firma vai pagar um parte do dezimo terceiro salário.

Quando o homem voltou da caixa, arrastando pelo balcão de fórmica aquele montão de dinheiro, (mais de cinquenta milhões calculou Ariovaldo), aproximou-se do procurador e caçoou:

— Está com a mala. O sr. vai bem?

— Brigado, senhor. Sim, o mala.

Ariovaldo esperou tranquilamente que contasse os maços e os fosse arrumando em ordem dentro da velha pasta de couro marrom. Quando faltavam apenas uns vinte ou quinze, meteu a mão no bolso, tirou o maço que trouxera de casa e deixou cair no chão perto do homem.

— Parece que caiu dinheiro.

O procurador olhou para o chão, sem parar de contar as notas, pôs o pé em cima do maço do Ariovaldo e disse, sorridente:

— Brigado, senhor. Depois eu xunta.

O Canoeiro

A. JURACI CARLINI

! A canoa descia rio-abaxo num deslizamento zigzagado carregando o canoeiro e sua tristeza. A rede, uma vez mais, vazia. Cansaço de dia trabalhoso triturando os ossos por dentro. De doer mesmo aquilo! Peixe muito safado, conhecedor de manhas de pescador.

Dulcinéia pairava ali, sobre a calma do rio, como espuma loira de olhar castanho. Ora caminhava sobre as águas molengas de vaguinhas faceiras, ora sentava na canoinha, encarando a rudeza do homem falando consigo mesmo:

— Dulce...

Havia mel naquela voz, no olhar meloso, mel escorrendo pela canoa, doçura de mel naquele ventinho corredor melódico. Mas Dulcinéia tornava-se um nome amargo como mel rançoso.

— “As águas vão correndo,
vão correndo para o mar.
Vão levando meu amor,
Meu amor vão carregar...”

Agora ninguém podia fazer nada. Tempo continuador, intinerante, levador de sonhos. Doia ao canoeiro a imagem da amante morta. Morta, o quê! Aquilo era mais uma presença definitiva. Morte é esquecimento... ou esquecimento é morte... Não sabia e nem queria saber. Coir-

sa bem diferente o que via ali, no seu delírio. Presença tão real como se a mulher estivesse dentro dele, grudada em sua alma que nem sanguessuga. Um pedacinho dele mesmo. Morte! Aquilo era invenção de gente sem sentimento...

De novo a dor-de-cabeça, a doidice, a visão. Dulcinéia sempre rindo, com mel a escorrer de sua boca numa torrente de beijos desperdiçados n'água.

— Dulce, tu estás tão bonita hoje! Sempre mais bonita. Lembro sim. Tu estavas tão bonita naquele dia. Vieste para cá, ficaste comigo. Depois não voltaste mais. A roseira que plantaste já floresceu... Volta comigo para nossa casa, Dulce...

O homem adormeceu falando, abraçado ao remo.

Foi um dia quando Dulcinéia voltou. Canoeiro cansado de remar contra a correnteza. Correnteza feia. Vorragem. Canoeiro sem forças, sem preocupação, sem juízo. E Dulcinéia levou o remador para um lugar profundo do rio, onde as águas dobravam-se sobre si mesmas com grande estrondo.

O rio continuava levando apenas pedaços de canoa, tábuas soltas apenas. O vento agora trazia uma voz do além, numa cantiga de amor, o idílio de Dulcinéia e o canoeiro...

LITERATURA

Os Louros, Murchos Louros

Passada a vontade mais ferrenha de vencer,
que me levou ao auge do vazio,
ao imo da incompreensão,
ao avesso da verdade dos outros;
passado o lago profundo da dor mais rasgada e inútil,
serena poça vermelha que afogou-me a perna,
o peito, o braço, a testa,
e me levou à sombra mais calada e fria do medo e da morte;

passadas todas as lágrimas e todos os revezes,
todos os soluços e todas as medalhas,
todos os cartuchos e todas as campanhas,
todas as palavras e todas as tristezas,
todos os gritos e todas as lições tomadas,
os exílios forçados,
as covardias suprimidas,
as virtudes dolorosas,
e as falhas e falhas e falhas;
depois de toda injustiça e toda violação,
ainda sou um rosto viril na pedra da parede,
ainda sou um homem e ponho os olhos no horizonte,
ainda há certezas (não verdades) prá gastar,
ainda tenho as rugas conseguidas,
a sobancelha quebrada e a cara dura,
a cara dura.

(Domingos Sábio Nunes)

Um Poema, ou variações sobre o homem

Enlália Maria Radtke

— I —

Reconheço-te.
Seria tão simples agrupar-te,
como se agrupam
os meus dedos.
Depois,
lenta, munto lenta
tocar o sangue músculos
e nervos legados ao mundo,
— olho de estrela esguia
e o coração escondido.

— II —

Eu
que sofro o mal dos trópicos,
entrego-te este poema
ora novo
ora velho,
— manso rio
orquídea mûda e selvagem.

— III —

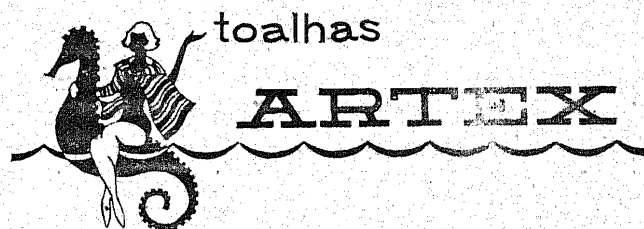
Esta é a casa,
onde habita a vida
a morte o silêncio.

— IV —

Que não venham falar-me
da tua imperfeição,
rocha e coração duro.
Flores nascem tortas,
— travos no amor —
punhal felino da sobrevivência.

— V —

Te cantarei, relógio louco,
com formas existentes
outras procuradas.
E não me censures
Se eu esquecer teu nome,
— pulso neste mesmo pulso —
heroína de um tronco invisível.
Deixa-me dourar este sangue
onde habita a minha vontade.



A MODA EM TOALHA — Blumenau S.C.



MINI MERCADO
HAMBREERIA GLOBO

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)
Fone: 22-5036

Blumenau Santa Catarina
ENTREGA A DOMICILIO

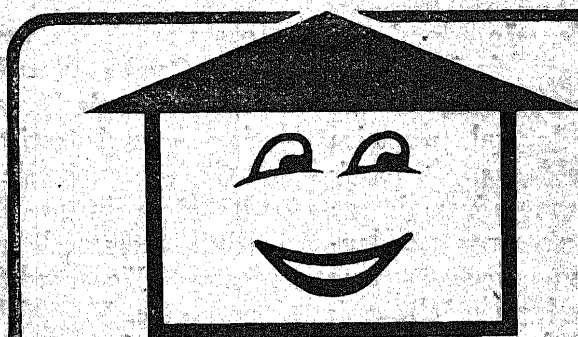
Nova Geração de Máquinas



31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina



A CASINHA AGORA
ESTÁ SORRINDO
TAMBÉM NO GARCIA

PROBST

Rua Amazonas, 3.176

MOOO — Scliar, em tuas palestras voce falou que na época em que você iniciou as tuas atividades, a luta era incrível, por não existirem naquela época, os meios que existem agora, como as galerias. Mas que justamente esta inquietação servia de estímulo para vocês; como você vê atualmente o trabalho dos artistas plásticos atuais?

SCLIAR — Eu vejo sob um certo aspecto, que os artistas plásticos, estão muito passivos. Isto é, eles estão muito acomodados porque é um dos poucos setores no Brasil que é semi-profissional. Que dá a um grande número de artistas relativamente jovens até de ver o seu trabalho.

Não se pode dizer isso de um jovem escritor, não se pode dizer isso de um jovem poeta, muito menos, e mesmo um músico até realmente conseguir viver do seu trabalho, ele tem de ser mais um intérprete do que um compositor, devido as dificuldades que um país como o nosso, subdesenvolvido, que não cria condições para que o artista o intelectual, viva de sua profissão. Então é um país que não estabeleceu ainda uma norma, uma continuidade de comportamento, com relação a um profissional não liberal. Mesmo os liberais aí, estão sofrendo "chuvas" e "trovoadas". Com cada crise que atravessamos, a crise, e da sociedade inteira. Quanto mais um setor que é marginalizado, como o setor de arte. E o setor dos pintores, tende exatamente porque não atua sobre camadas mais largas, a incomodar menos certos setores de vigilância da censura, e por isso eles aparentemente estão um pouco fora da jogada. Então eles fazem um trabalho que parece um pouco passivo, e parece um pouco desligado do contexto nacional. Eu acho que se nós olharmos com um pouco mais de cuidado para este trabalho, todo aquele que é um trabalho criativo, acho que se ele não interessa para a censura, sorte para nós. Mas ao mesmo tempo eu a-

cho que a censura é burra, em qualquer instancia que ela atue. Porque é condição da censura ser burra. Agora, acontece que a censura antes de mais nada a ação daqueles que tem medo da verdade. E a verdade eu acho que ela se manifesta através das obras de arte, irreversivelmente, porque é na verdade é a atuação de cada artista tentando dar essa visão do mundo, multiplicada através de suas obras, que conscientiza as pessoas que podem observar estas obras, de que o mundo tem de ser visto a todo momento. Que o mundo pode ser visto a todo momento. Que o mundo deve ser transformado a todo momento, enquanto não nos atender naquilo que nós consideramos essencial. Eu acho que esse tipo de consciência da coisa, os artistas atingirão mais ou menos, numa proporção que vai depender dos próprios acontecimentos do país. Eu acho que não se pode cobrar ou forçar os artistas em certas direções. Porque eu acho que os artistas das mais diferentes tendências, tenham ou não consciência, estarão participando do processo geral da cultura brasileira, talvez uns mais ativamente que outros, mas eu acho que todos são parte desse processo.

MOOO — Ainda com relação a censura, pior que esta censura que existe por aí, é quase esta autocensura que os artistas estão assumindo...

SCLIAR — Na minha opinião, a pior coisa que se criou no país, foi a auto-censura. Isto eu sofri duas vezes na pele, porque durante o estado novo, também foi neste clima que se viveu. Na exposição você tem um quadro que é aquele vende-se flores, que é aquela cabeça de operário contra um muro, trabalho feito em 41, em que é claro, vocês estão vendo uma metáfora também, um humor negro, na hora em que teria que estar escrito: Abaixo a Ditadura, eu botei Vende-se Flores e que as pessoas liam exatamente o que tinham que ler naquele mu-

Entrevista com



ro. Mas a verdade, naquele momento eu dizia com aquela frase: Vende-se Flores, que era a frase que se podia escrever no quadro, porque outra não poderia ser escrita. Então, isso valia, porque era o recado que eu estava dando. De humor, de humor negro. Se naquele tempo, exatamente e dessa maneira metafórica, nós podíamos dizer coisas. Se a nossa literatura daquele tempo quase, quase não podia ser editada. Se os nossos melhores escritores, se um Jorge Amado estava exilado, um Graciliano estava preso e, a maior parte dos escritores, menos perigosos segundo a situação, não podiam ainda assim editar seus livros, porque tudo era perigoso para a situação, hoje nos vemos que nossos escritores vão publicando os seus livros e com receio de uma situação determinada, vão dando o seu recado metaforicamente, porque é uma situação que realmente, de tal maneira criou dificuldades, em particular, nos setores juvenis, em particular, no setor estudantil, que é uma situação que é responsável, na minha opinião, pelo crime maior que se fez contra o nosso país que foi de alienar algumas gerações de jovens de nosso processo político. Eu acho que

isso, realmente, é a auto-censura maior que se criou e que os intelectuais teriam que refletir de uma maneira ou de outra. Eu acho que, nos últimos meses, nós estamos vivendo uma experiência curiosa, de uma semi-abertura, de uma abertura controlada, porque na verdade, é uma abertura consentida, nós estamos sujeitos a leis que o arbítrio modifica na hora que desejar. Então, na verdade, nós estamos fazendo de conta que estamos aprendendo a fazer democracia.

OOJ — Ninguém pode falar de liberdade sem tê-la perdido... concorda comigo? Então, é uma associação que pretendo fazer com o que foi falado da censura, existe uma geração nova, que nasceu agora e que não sentiu a censura. A censura da forma como você falou, essa repressão. Qual a contribuição da literatura, da filosofia para a formação do artista e a contribuição que ele pode dar em cima do que ele entende disso, dessa realidade, para o novo. Não acredito em arte nela arte. Você falou que os seus quadros são políticos, existe uma conotação política se se analisar, se se deter na coisa. Então, existe uma contribuição tua dessa realidade

Carlos Scliar (II)

nossa. Agora você modelar alguma coisa e dizer que é arte (está bem é arte), eu quero saber qual é a contribuição do artista com essa arte?

SCLIAR — Nós vamos entrar agora num debate muito subjetivo, você vai dar a tua opinião sobre o meu trabalho, isto é, sobre as peças minhas que estão aqui expostas, e eu vou defender alguma coisa que eu não deveria defender com palavras e sim, defender com os próprios quadros. Eu acho que a conotação que você faz é tremendamente sectária. Eu acho que, exatamente, na medida em que você está fazendo esse tipo de reclamação, aquilo que não foi imediatamente utilizado por ti, um esclarecimento que você considera imediatista, quer dizer, necessário agora, você não considera útil. Eu acho que não é bem esse o processo. Eu acho que aprendi com gente de várias épocas e todo dia eu estou aprendendo e quando falei nas minhas palestras em La Fontaine. Isso eu aprendi também com La Fontaine, porque se na sua época ele pode ensinar muita gente a ver as coisas de uma maneira elíptica, de uma maneira metafórica, como você diria, e achei que o recurso dele foi válido, porque numa certa hora, você fica engasgado, mas tem que dizer alguma coisa. Se você numa certa hora acha que certos quadros são pouco ou insuficientes para uma etapa de luta determinada, é uma questão de exigência pessoal que eu não discuto. Eu acho válida. Eu acho que se a obra é artística ou não, não está em discussão aqui, porque aí já é outro problema. Eu acho que o problema da função, não sou eu quem vou defender, eu somente digo, que seria incapaz de fazer qualquer trabalho meu, qualquer trabalho meu, que não fosse um trabalho que tivesse antes de mais nada, um sentido humanista, isto é, tivesse como objetivo, fazer do homem, um

ser consciente do seu valor. Na medida em que o homem for sensível aquilo que eu faço, eu acho que algum valor eu estou estabelecendo através do meu quadro. Um tipo de relacionamento que eu estou tentando, eu acho que isso tem utilidade. Pode parecer pouco para você, para mim é um objetivo. Depois o tempo é quem irá dar a pesagem exata.

OOJ — Precisa-se ter uma cultura muito grande para se dissimular uma realidade numa fábula. Acredito nisso. Nesse ponto é que eu quero colocar o artista. Quando uma pessoa tem uma cultura, tem uma boa formação, ela é capaz de dissimular num quadro, numa frase, uma realidade que você subte, que você pode pensar. O que quero colocar é esse tipo de arte com aquela arte, agora vou ter que citar um caso em Sta. Catarina, existe uma pessoa aqui que faz arte da seguinte forma: encontra objetos, pedaços de madeira atirados numa praia, por exemplo e modela aquele objeto, segundo uma imagem que ela tem daquilo. Por exemplo, ela pode ver, de determinado ângulo, um pássaro. Então, ela modela. Aquilo é arte. O que quero saber é a contribuição social tem essa arte? Somente arte? Arte pela arte?

SCLIAR — Eu acho que nós teríamos que fazer uma discussão um pouco anterior, e que no ponto em que nós estamos fica mais difícil, em todo o caso, vamos fazer uma tentativa. 1º.) Eu acho que tudo o que um homem faz, trazendo uma contribuição de sua criatividade, é válido. Se é arte social, isto é, se participa, se enriquece a sociedade (social nesse sentido) se participa da sociedade, trazendo assim, um enriquecimento dos homens, enriquecimento de sensibilidade dos homens, se faz dos homens de um círculo determinado, sobre o qual aquele artista, aquele artesão, aque-

le indivíduo, que nem sei se é um indivíduo, se é um artesão, mas um homem que foi estimulado por um objeto e que ele transforma em outro. Se esse homem que escolheu esse objeto, ou seja esse seixo, essa pedra, esse pedaço de galho, transformou num objeto que passa a ter outra conotação, só porque ele escolheu aquele objeto, porque ele colocou num outro contexto e de repente, ele deu um certo valor, estimulou a sensibilidade dos seus próximos com aquilo. Esse homem tem uma utilidade. A transcendência dessa importância nós poderíamos discutir. Mas não creio que se deva fazer uma discussão muito longa porque já é outro problema. Eu acho que a coisa fundamental para nós é nos entendermos que realmente há tudo por se fazer em nosso país. E que a coisa mais perigosa é, de repente, você cobrar daquela pessoa capaz de descobrir num objeto, uma transcendência e capaz de fazer outros homens que, muitas vezes tem uma vida quase animal, sem consciência inclusive, de que estão sendo explorados miseravelmente por um contexto, por uma situação determinada. Que de repente, eles se percebem parte de um mundo sensível, capaz de perceber coisas que até aquele momento eles não tinham percebido. Indiscutivelmente, a pessoa que aciona esse processo nos seus semelhantes, e um indivíduo que tem importância. Que não podemos subestimar.

OOJ — Eu acho importante a contribuição de um indivíduo simples para a cultura. Agora, você acha que não é um egoísmo muito grande, em sendo o artista, o escritor, uma pessoa mais sensível, em usar essa sensibilidade para ele e não tentar transformar uma realidade que é nossa?

SCLIAR — A realidade que é nossa, depende de nós todos. E o papel do artista é o de atual sobre um grupo determinado de pessoas sobre o qual, ele de fato, pode atuar. Eu disse a pouco que

nós somos 110 milhões de habitantes e é presunçoso a gente imaginar que um poeta maravilhoso como seja Ferreira Gullar, que faça um livro como :Poema Sujo, na minha opinião, um dos maiores poemas que, nos últimos tempos foi editado no país. Que já saiu a terceira ou quarta edição, possivelmente com 20 mil exemplares e que possivelmente já foi lido por 100 mil pessoas, porque esses 20 mil exemplares podem ter sido desdobrados, eu acho que o Ferreira Gullar é suficientemente humilde pela importância que ele tem, para saber que ele tem que ser muito humilde e pensar que esse poema dele que é tão importante, na minha opinião (pessoal), que o Ferreira Gullar possa imaginar que o seu poema, com toda a força que contenha possa desencadear toda uma consciência que nós desejaríamos numa população como a nossa. Então, na verdade, mesmo que 100 mil pessoas lessem, é uma coisa ridícula perto de um país com 110 milhões de habitantes. A nossa atuação é uma atuação pequena em parcelas muito limitadas da população, aonde você sabe que certos meios como a televisão que atingiria muito mais gente, do que o cinema que atingiria um pouco menos de gente ou o teatro — menos gente ainda — são controladíssimos. E se o nosso setor é o menos controlado de todos é porque não atua sobre ninguém. Vamos ser objetivos. Eu não tenho nenhuma presunção de pensar que estou atuando sobre muita gente. Se eu não sou mais controlado, felizmente, e não reclamo controle nenhum e nem desejo esse controle, é que eu acho que nós, indiscutivelmente, estamos assistindo um fenômeno de que realmente, até um laivo de inteligência nessa censura que sabe que mexer com pequeno é besteira. Eles não atuam sobre ninguém. O que nós temos que lutar e isso sim, é que o teatro, a música, o cinema e a televisão, sejam livres da censura para que as idéias possam se difundir.

Concursos

1º Concurso de Fotografias

REGULAMENTO

A fotografia constitui-se hoje num importante meio de conscientização ecológica. Objetivando pois uma chamada de atenção e consequente divulgação de aspectos da situação ambiental atual do Vale do Itajaí, foi que o MUSEU DE ECOLOGIA FRITZ MULLER (afeto ao DEPTO. DE CULTURA da Secr. Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Blumenau) e a ASSESSORIA ESPECIAL DO MEIO AMBIENTE — AEMA de Blumenau, juntamente com a Associação Catarinense de Preservação da Natureza — ACAPRENA, resolveram instituir este concurso que obedecerá as seguintes normas:

1. — O concurso tem caráter estritamente cultural e educativo e destina-se:

- (a) a fotógrafos amadores para efeito de entrega de prêmios;
- (b) a fotógrafos profissionais, cujas melhores fotos receberão Menções Honrosas ao invés de prêmios.

2. — Tanto a categoria "amador" quanto a "profissional" poderão participar nas sub-categorias "preto-e-branco", "colorido" ou "slides", sendo que cada foto deve vir acompanhada de uma ficha de inscrição e, no caso das duas primeiras sub-categorias, em tamanho 13 x 13 para negativos quadrados ou 13 x 18 para negativos retangulares, os quais devem vir acompanhando as respectivas fotos.

2.1. — Cada participante poderá concorrer com quantas fotos e sub-categorias que quiser, não sendo necessário que a foto seja recente.

3. — As fotos para este concurso deverão expressar aspectos e "mensagens" sobre o Meio Ambiente e Na-

tura do Vale do Itajaí. Sempre se atendo ao título do concurso, sugerimos alguns temas que podem ser explorados:

- flores os animais silvestres;
- paisagens naturais: campos, morros, rios e cascatas, praias e costas; árvores hoje raras ou de excepcional beleza;
- cenas ou flagrantes da natureza;
- nascer ou por-de-sol;
- casos (se possível chocantes ou deprimentes) de poluição, desmatamentos ou queimadas;
- casos de deterioração ambiental urbana (loteamentos mal feitos; cartazes exagerados ou de mau gosto,...);
- fotos denúncias, que mostrem agressões ILEGAIS ao ambiente.

3.1. — o elemento humano ou suas obras poderão entrar nas fotos sempre que o mesmo expressar uma integração (ou desarmonia) com o meio ambiente.

3.2. — serão aceitas somente fotos tiradas no Vale do Itajaí Açu ou Mirim, incluindo os municípios de Navegantes, Itajaí, Camboriú e Balneário de Camboriú e que não tenham sido classificadas em outros concursos.

3.3. — Os participantes não precisam residir no Vale do Itajaí.

4. — Nas fotos em papel (tanto as preto-e-branco como as coloridas) o nome dos participantes e o título da foto deverão ser escritos no verso; nos "slides" eles devem ser escritos ou colados na moldura.

4.1. — para evitar erros na projeção dos "slides", os organizadores recomendam que sejam marcados da seguinte maneira, não se responsabilizando por "slides" marcados incorretamente:

(a) olhe o "slide" na sua posição normal, segurando-o com a mão direita;

(b) coloque no canto inferior esquerdo um ponto bem visível;

(c) ao virar o "slide" para que ele caia exatamente no canto superior direito.

5. — O concurso será realizado de 15 de dezembro de 1978 a 15 de março de 1979 (último dia para recebimento das inscrições, acompanhadas das respectivas fotos e negativos. Uma comissão formada por elementos ligados fotografia, Artes em Geral, Ecologia. Meio ambiente e outros, proclamará os resultados até o dia 30 de março e entregará os prêmios em 7 de abril de 1979.

6. — As fotos classificadas e seus respectivos negativos passarão a pertencer aos organizadores do concurso, ficando expostas por cerca de três meses no Museu de Ecologia Fritz Muller, para o que poderão ser ampliadas; os "slides" vencedores serão projetados ao público interessado no dia da entrega dos prêmios (Teatro de Bolso — Rua Itajaí) e demais dias sempre que houver grupos interessados em vê-los; as demais fotos serão devolvidas mediante procura do interessado no Museu (Rua Itajaí, 2195 — Blumenau) ou solicitação por carta.

7. Não poderão concorrer e sim apenas participar na condição de "honorários", funcionários das entidades promotoras e dirigentes da ACAPRENA.

8. — Serão, entre outros, critérios de avaliação por parte da Comissão Julgadora:

a) a "mensagem" ecológica ou am-

biental que a foto transmite;

b) parâmetros artístico-técnicos, como ângulo e enquadramento.

c) originalidade, raridade e/ou dificuldade de se conseguir o assunto, demonstrando paciência e senso de observação por parte do autor.

8.1. — Respeitar-se-ão os recursos da máquina disponível pelo concorrente.

9. — Os autores amadores das melhores fotos de cada sub-categoria receberão prêmios em dinheiro ou material fotográfico, além do diploma correspondente a sua classificação, enquanto que os da categoria "profissional" receberão diplomas com Menções Honrosas.

9.1. — Até o momento, o concurso dispõe da quantia de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), para entrega em forma de prêmios em dinheiro, doados pela Prefeitura Municipal de Blumenau.

9.2. — A esta quantia poderão ser acrescidas outras quantias em dinheiro e/ou material fotográfico, em quantidade que dependerá do número de doações por parte de órgãos públicos, lojas de artigos fotográficos e outros doadores.

9.3. — Os organizadores do concurso tem prazo de até 30 dias antes do encerramento do mesmo para divulgar todos os prêmios a serem distribuídos.

10. — A participação no concurso implica na aceitação do presente regulamento, sendo que qualquer infração às diversas cláusulas implica na eliminação do concorrente.

11. — Eventuais casos omissos no presente regulamento serão resolvidos pela comissão organizadora.

Crie um símbolo para os XX Jogos Abertos de Santa Catarina

A Comissão Central Organizadora dos XX Jogos Abertos de Santa Catarina, a realizarem-se em Blumenau de 20 a 27 de outubro de 1979, visando a escolha de uma identidade visual para a promoção, instituiu o concurso "Crie um símbolo para os XX JASC":

1. — O concurso está aberto para todos os catarinenses que poderão participar com o máximo de três trabalhos;

2. — São de livre escolha as cores e cada desenho deverá ser apresentado em papel medindo 30 cm. x 30 cm.

3. — Obrigatoriamente, o desenho deverá apresentar os cinco anéis olímpicos, entrelaçados;

4. — A identificação e o endereço do participante deverão vir acompanhadas, em envelope fechado afixado no verso do desenho;

5. — Os desenhos deverão ser encaminhados à CCO dos XX JASC, sediada à Rua 15 de Novembro, 161, na cidade de Blumenau, até no dia 30 de janeiro de 1979, em envelopes com a identificação: "Crie um símbolo para os XX JASC";

6. — Ao autor do modelo do símbolo escolhido, será atribuído um prêmio no valor de Cr\$ 10.000,00 (dez

mil cruzeiros);

7. — A escolha do símbolo será realizada por um júri composto de profissionais de publicidade, artistas plásticos e pessoas ligadas ao esporte amador de Santa Catarina.

8. — Todos os desenhos enviados para o concurso serão de total propriedade da CCO dos XX JASC, isentando-se esta Comissão de qualquer pagamento ou devolução dos mesmos.

9. — Todo participante estará aceitando implicitamente o regulamento do presente concurso, após a entrega dos trabalhos para a CCO.

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
 Rua Monte Alegre, 1434
 05.014 — São Paulo — (SP)

Educação

O Reitor da FURB afirma que os aumentos das anuidades para 1979 ficaram dentro dos limites estabelecidos pelo Conselho Federal de Educação.

Muitas pessoas podem estranhar essa afirmação em função de se terem publicado nos jornais que o aumento estipulado pelo Conselho Estadual de Educação era de 38%.

Segundo o prof. Tafner, "no próprio parecer do Conselho, esse aumento pode ser acrescido em 50% da diferença dos aumentos dados aos professores.

Desta forma, a FURB deu um aumento de 45% aos professores para 1979, havendo, portanto, uma diferença de 38 à 45 de 70%; 50% dessa diferença foi aquilo que crescemos nas anuidades da FURB, ou seja, 3,5% redundando num total de 41,5%.

O aumento das anuidades da FURB foi de 41,5% que é o que foi estabelecido no próprio parecer do Conselho Estadual de Educação".

AS SOLUÇÕES PARA OS ALUNOS CARENTES

Para os alunos com menor poder aquisitivo, Tafner diz: "Em função do estudo oneroso que é ministrado na FURB, a instituição está pensando seriamente em modalidades que possam beneficiar os alunos mais carentes.

O governo federal, através do crédito educativo, solucionou em parte este problema. No ano passado, nós tínhamos 499 alunos bolsistas do crédito educativo. Esperamos que este ano, o número venha a ser aumentado para beneficiar maior número de alunos.

Além disto, a FURB também oferece bolsas através da Associação dos Amigos da FURB (não são em número muito elevado, mas de acordo com informações da própria Associação, sabemos que esse número de bolsas — pa-

ra 1979 — irá aumentar consideravelmente).

Existem outras bolsas oferecidas por instituições, por empresas e bolsas do próprio PEBE. Mas, a par de todas estas alternativas que o aluno dispõe, nós estamos pensando este ano em estimular bastante o bolsista de trabalho, ou seja, o aluno que trabalha meio expediente na instituição, percebendo uma importância da FURB e uma parcela do MEC — Ministério da Educação e Cultura e no outro expediente, ele poderá fazer então os seus estudos.

Procuramos desta forma auxiliá-lo para que possa custear as suas despesas, não só de estudo, mas também, de estadia e alimentação aqui em Blumenau".

Falando ainda sobre alunos carentes, Tafner acrescenta: "No último caso, naturalmente que trata-se de alunos que fazem o curso em período diurno, onde há possibilidade de ele conseguir um emprego na região".

Sobre os alunos carentes que ainda não foram beneficiados com o crédito educativo, o professor Tafner diz que: "Os critérios de seleção para o crédito educativo, não estão nas mãos da FURB nós apenas recebemos as inscrições em que o aluno preenche um formulário com dados exigidos pelo MEC, através da Caixa Econômica Federal e os critérios e seleção são feitos pela própria CEF".

Tafner admite que, muitas vezes os critérios seletivos não atingem os alunos realmente carentes.

"Acontece muitas vezes que alunos que podem pagar os seus estudos, são agraciados com o crédito educativo e outros que sabemos, que deveriam recebê-lo, não recebem".

"Sobre estas distorções, já estivemos em Brasília e comunicamos ao DAE e MEC e ao órgão encarregado destas bolsas — e eles já solici-

taram para que apresentássemos critérios diferentes de seleção dos candidatos — nós apresentamos e me recordo de uma que era a de apresentar uma fotocópia da declaração do imposto de renda".

Tafner não sabe se a sugestão irá ser aceita, entretanto diz: "Estamos a disposição desses órgãos para indicar algumas distorções e alunos que realmente são carentes, bem como, indicação de alunos que foram selecionados e que não estão necessitando desta bolsa do crédito educativo".

Para este ano, o Reitor José Tafner evidencia o esforço que a própria FURB irá fazer, no sentido de ela mesma poder oferecer bolsas de estudo e explica:

"A FURB, de acordo com as necessidades e de acordo com os trabalhos desenvolvidos pelo aluno e também, de acordo com sua aplicação — procuraremos, dentro das disponibilidades da instituição — atender os alunos carentes".

O AUMENTO DAS ANUIDADES EM RELAÇÃO AO ÍNDICE INFLACIONÁRIO

A FURB, salienta o prof. Tafner, "não tenciona, ao efetuar este aumento minimizar sua dívida, de maneira nenhuma".

"Para minimizar suas dívidas, a FURB está adotando outro sistemática, ou seja, a simplificação de sua estrutura administrativa e a contenção de despesas para que esta dívida não se acumule e possamos, com esta contenção, inclusive, pagar dívidas atrasadas".

Tafner, após esta explanação, diz que o aumento foi dado para, "única e exclusivamente, para mantermos os professores e para podermos manter a instituição no nível em que ela se encontra (no mínimo)."

Ainda sobre o aumento, Tafner afirma que uma de suas metas é melhorar a qualidade de ensino através de um bom salário pago aos professores.

"Este bom salário, acreditamos nós, ele tende a nos trazer uma mão-de-obra melhor qualificada e também, uma possibilidade da própria instituição de exigir mais do seu pessoal, quer administrativo, quer docente em função da melhoria da instituição.

OS PLANOS DA FURB PARA SUA EXPANSÃO FÍSICA E CONTRATAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES.

A FURB tem um projeto idealizado em 1973 em que está incluído uma nova Biblioteca, auditório e outras dependências necessárias para o seu melhor funcionamento.

Sobre essa propalada expansão, Tafner diz que são muito difíceis de serem atingidas em função do que já foi exposto anteriormente.

"Anuidades, cobranças feitas aos alunos estão sempre em função da qualidade de ensino e não de construções e obras físicas, entretanto, para esta própria melhoria da qualidade de ensino, nós reconhecemos que há necessidade de espaço adequado, salas adequadas, de equipamentos e isto, dentro das condições atuais da FURB está se tornando, não quero dizer, inviável, mas está se tornando um problema sério".

A Biblioteca, confirma Tafner, já não atende mais adequadamente nossos alunos e nem os nossos professores, mas "é nossa meta procurarmos recursos em todo lugar onde possamos encontrá-los para a construção da Biblioteca e de um auditório".

CULTURA

Tres amigos, com experiência e know-how diferentes mas que se somam dentro da mesma área — o livro — reuniram-se, há cinco meses, com um objetivo: encontrar a melhor maneira de influir num mercado, cujas deformações os tres sempre denunciaram, através da imprensa ou de palestras. Desse encontro entre o escritor e publicitário Ricardo Ramos, o livreiro Pedro Herz e o jornalista e escritor Gilberto Mansur surgiu a Editora Cultura.

Em tão pouco tempo de vida, a Editora Cultura já pode demonstrar que vem cumprindo boa parte dos objetivos a que se propôs. Entregando, por exemplo, aos leitores, livros da melhor qualidade literária acompanhada de igual qualidade gráfica; e entregando a seus autores um numero de leitores maior do que a expectativa normal.

Assim é que um de seus primeiros lançamentos — Cuba de Fidel, Viagem à Ilha Proibida —, de Ignácio de Loyola Brandão, (mais de 15 semanas em 1o. lugar na lista de mais vendidos da revista "Veja"), esgotou uma edição de cinco mil exemplares em apenas tres semanas; outra, de seis

mil, em pouco mais de um mês, e está agora em sua terceira edição, de oito mil exemplares (acrescida de um texto de contra-capa escrito por Chico Buarque de Holanda, companheiro de viagem do autor a Cuba).

A OPERA DO MALANDRO, de Chico Buarque, é outro lançamento que pode demonstrar a preocupação editorial da Cultura: pela primeira vez no Brasil uma peça musical tem uma edição tão completa: além do texto integral — sem censura — e das fotos do espetáculo, há nada menos que 51 páginas com as partituras de todas as musicas que compõem a "Opera". E, de sobra, um abrangente prefácio de Luiz Werneck Vianna.

De Lygia Fagundes Telles, escritora que dispensa apresentação, a Cultura editou "Filhos Pródigos, novelas e contos publicados esparsamente e que a autora reuniu em livro por considerá-los dos mais importantes da sua obra de ficção.

De Raduan Nassar, consagrado pela crítica com o romance Lavoura Arcaica, saiu a novela Um Copo de Cólera, que já vem obtendo um êxito igual de crítica, acrescido agora de um êxito também de publico.

Em outra área, a Livraria Cultura Editora lançou Memórias sem Maquiagem, do rei da noite Carlos Machado. E já fez dois "happenings", em noites de autógrafos (no Rio e em São Paulo) à altura do passado do autor. Primeiro no ex-Cassino Atlantico, em Copacabana: um show onde Angela Maria e Eliana Pitman revezavam-se na passarela com vedetes lançadas por Machado e com outras que hoje trabalham com os seus herdeiros, os atuais reis da noite. Em São Paulo, foi no Happy Days, o clube privê da moda que recebeu, nesta noite, 1.500 ilustres convidados, ao som de um repertório só de musicas da época.

Mas a Cultura não está fechada ao resto do mundo e muito menos aos temas que mais preocupam a Humanidade hoje. Por isso editou num belo álbum, capa dura, todo a cores, Viva o Verde, de Rob Herwig, com fotos de mais de 300 plantas de interior e textos sobre cuidados e conservação.

E para fechar o ano de 1978, foram programados dois autores brasileiros de primeira linha: um — Luiz Vilela — já bastante conhecido pelo publico e sempre muito elogiado pela crítica;

outro, um estreante — Denis Mattar — que breve também estará tendo seu valor registrado. Vilela, vencedor do primeiro Prêmio Nacional de Ficção, de Brasília, e duas vezes premiado no concurso de Contos do Paraná, reuniu em Lindas Pernas sua ultima produção na área do conto. Com uma curiosidade: são todos trabalhos inéditos mas já premiados em vários concursos de ambito nacional. E Denis Mattar surge com um belo romance intitulado A Caminho do Sotão.

A programação da Cultura para 1979 inclui alguns dos mais importantes escritores brasileiros do momento. E também algumas surpresas muito agradáveis, como a estréia da atriz Joanna Fomm, com um livro de contos (A Hora do Café), e a de Mauro Salles, com um livro de poemas e um de comunicação.

Com sua sede instalada em São Paulo a Cultura procura ser, desde seu início, uma editora de abrangência nacional: pelo seu espirito, pelos seus autores, pela sua cobertura. E tem no Rio de Janeiro, como representante, a conhecida jornalista Thereza Cesarie Alvim.

III a. Semana do SEBO - 15 a 22 de Janeiro

Instituída em janeiro/78, repetida com sucesso em julho do mesmo ano, vamos desenvolver agora em janeiro/79, a IIIa. Semana do Sebo.

A promoção vai reunir aproximadamente 8.000 exemplares de livros antigos raros, esgotados nas editoras, entre outros, os quais serão oferecidos ao público leitor catarinense, por preços antigos e ainda com descontos de 50%.

Convém esclarecer que não se tratam de livros usados, sendo todos os exemplares, de primeira mão e em perfeito estado de conservação.

Tratam-se apenas, de livros publicados já alguns anos e que agora são reunidos com tais vantagens.

Entre eles, temos certeza de que o leitor encontra-

rá obras de real valor para o seu entretenimento, lazer e cultura, durante as suas férias.

Da mesma forma, colégios, repartições, bibliotecas públicas das prefeituras municipais e outras entidades, terão condições de adquirir quantidades de volumes para o aumento dos seus acervos, à preços bastante irrisórios.

Desde agora, contamos com a sua participação e apoio em mais este empreendimento cultural que a Lunar-delli promove em Santa Catarina.

IIIa. SEMANA DO SEBO: de 15 à 22 de janeiro 1979

— livros raros, antigos e esgotados, em perfeito estado.

— desconto de 50%

— locais: Rua Victor Meirelles, 28. Rua Deodoro, 18.



FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

LIVROS**RECOMENDADOS**

LEONIDAS HEGENBERG — LÓGICA — EXERCÍCIOS I, TABELAS E ARGUMENTOS — 200 páginas. Cr\$ 100,00.

Segundo a opinião de interessados, sobre este assunto, a bibliografia é escassa. Em vista disso, deliberou-se preparar uma série de fascículos contendo apenas problemas de lógica. Entre eles, quatro parecem indispensáveis: Conectivos, tabelas, simbolização.

Dedução no cálculo sentencial
Simbolização no cálculo de predicados
Dedução no cálculo de predicados.

EDITORA IBRASA/MEC

GERALDO BEZERRA DE MENEZES — O COMUNISMO — CRÍTICA DOCTRINÁRIA — 166 páginas Cr\$ 30,00.

O livro empenha-se numa análise profunda e vigorosa das teses fundamentais daquela filosofia. Sistematiza o assunto, dividindo o livro em três partes, nas quais estuda respectivamente o ateísmo, o materialismo dialético e os aspectos econômico-sociais.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA/MEC

RODRIGO OCTAVIO — MINHAS MEMÓRIAS DOS OUTROS — 262 págs. Cr\$ 60,00.

O autor, excelente mestre na arte da conversação, e renomado estilista, dá neste livro, extraordinários retratos de personalidades marcantes de nossa vida cultural e política, revividas nestas páginas dentro de um julgamento sereno e compreensivo.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

MÁRIO DA SILVA BRITO — SUITE EM DOR MAIOR — 144 páginas. Cr\$ 85,00.

É um livro de poemas. Um grande livro e marco — não só na vida do poeta como na evolução da poesia brasileira. A primeira parte do livro, é coleção de poemas geralmente curtos, onde o autor aparece no seu gênero predileto e em que é imbatível: o da definição das coisas, sua apreensão numa frase, num verso, às vezes só no choque de poucas palavras que se superpõe, se cruzam, se respondem no eco, na homofonia.

EDITORA GLOBAL

PLINIO MARCOS — NA BARRA DO CATIMBÓ — 128 páginas.

É mais um trabalho em que o reporter da gente simples entra em ação. E é João Apolinário crítico da Última Hora de São Paulo que bem define este autor. "Um dos mais originais e brilhantes autores do Brasil, dramaturgo proibido ou cronista censurado, ele está aí como uma força da natureza, de raízes populares, dando flores

e frutos de um talento que não conhece deste lado da América outro que se aproxime de sua originalidade".

FEIRA BRASILEIRA DE OPINIÃO — 252 págs.

Este livro reúne autores em torno da proposta de uma Feira Brasileira. Não em termos de arte, mas sobretudo em termos de retratar o homem brasileiro "aqui e agora", sobretudo com a preocupação de apontar o perfil dos subúrbios do Brasil, onde este governo revela seu verdadeiro rosto.

EDITORA PERSPECTIVA

ISMAIL XAVIER — 280 págs. Cr\$ 100,00 — SÉTIMA ARTE: UM CULTO MODERNO

Debata este livro, uma série de questões relacionadas à sétima arte, onde com estas questões propõe um quadro sugestivo de relações ao analisar os ideólogos da primeira de fase teórica do cinema, como arte, no universo da mercadoria.

EDITORA DIFEL/MEC

FRANKLIN DE OLIVEIRA — LITERATURA E CIVILIZAÇÃO — 282 páginas.

O autor, redator de O Globo (Rio) e colaborador da Folha de São Paulo, é também autor de vários verbetes monográficos da Enciclopédia Mirador Internacional. Neste livro, publica-se os ensaios saídos nestes jornais.

EDITORA IPEA

EMPREGO E SALÁRIO NA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO — Dorothe F.F. Werneck, 160 p.

Obra que integra a coleção Relatório de Pesquisa e que tem o nº. 40. Vem de encontro ao pessoal que trabalha e dos elementos que empregam, preenche uma grande lacuna na literatura econômica brasileira.

NUCLEO PINDAIBA — EDIÇÕES E DEBATES

PEGA GENTE — Ulisses Tavares, 96 p. Cr\$ 10,00

Livro de poesias. Poesia lúcida, consequentemente, definindo a importância de cada palavra e a extensão de suas mensagens, promove a esperada reabilitação, inaugura um novo tempo, que não será perfeito e nem uniforme.



**marcenaria
FLORENCIO**

Rua República Argentina Nº 3702 Blumenau SC

CLICQUE PARA

Ir para:

rapidez, qualidade e

precisão em seus serviços.

**Fotolitos, Clichês,
Desenhos, Composições,
e Fotocomposições.**

Rua Araripe, 100 - JARDIM BELLAIR
Fone: (041) 221-2801

LIVROS RECOMENDADOS

DIFEL — DIFUSÃO EDITORIAL S.A.

O MINOTAURO IMPERIAL — corpo e alma do Brasil — Fernando Uricoechea — 332 páginas.

Tenta elaborar uma interpretação de experiência histórica da comunidade política brasileira durante o seu regime imperial. Enfoque especial e mesmo a pesquisa foi orientada para isso: como se desenvolveu uma dominação burocrática patrimonial no Brasil imperial e, particularmente, qual foi o papel do patrimonialismo no processo de desenvolvimento do estado burocrático moderno.

CEDEC/PAZ E TERRA — coedições

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea.

IDEOLOGIA E MOBILIZAÇÃO POPULAR

Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho Franco — 210 págs. Cr\$ 120,00.

Os dois textos aqui apresentados foram discutidos em semanários do CEDEC. O primeiro texto nasceu como prefácio do livro de Caio Navarro de Toledo — Iseb: Fábrica de Ideologias (editora Ática), ou melhor, inspirado na análise que a autora Maria S. de Carvalho fez do livro. O texto de Marilena Chauí faz parte de um projeto de estudo das representações e práticas autoritárias no Brasil a partir dos anos 30.

EDITORA PAZ E TERRA

PETER GAY — A CULTURA DE WEIMAR — 214 págs. Cr\$ 120,00.

A República de Weimar morreu há apenas trinta e cinco anos, em 1933; no entanto já é uma lenda. Neste ensaio tentouse retratar a cultura Weimar como um todo, sem sentimentalismos ou sensacionalismos. Não é a história completa da Renascença de Weimar. O que aqui está reunido são temas que dominaram a vida ética da República, de uma maneira que permitem a definição do espírito Weimar.

SUZANNE DE BRUNHOFF — A POLÍTICA MONETÁRIA — 180 págs. Cr\$ 120,00.

A análise deste livro leva a distinguir gestão da moeda pelo Banco Central e decisões políticas estratégicas e, posteriormente, a plicar esta distinção a situações concretas. O autor e seu colaborador quiseram combinar o estudo de conceitos e o de casos históricos e conjunturais.

SUZANNE DE BRUNHOFF — A MOEDA EM MARX — 148 págs. Cr\$ 100,00.

O caráter monetário da moeda da sua existência econômica ("em vão tentaríamos libertar-nos dela, mesmo que abolíssemos o ouro, a prata e os meios legais de pagamento"). Neste livro, a autora recorda esta descoberta de Marx.

EDITORA FORENSE

COQUEIJO COSTA — DIREITO JUDICIÁRIO DO TRABALHO — 722 págs. Cr\$ 370,00.

Única obra no Brasil que enfoca o Direito Processual do Trabalho e mais: normas sobre o Ministério Público do Trabalho e Organização Judiciária do Trabalho. Compreende também, todo o programa de Direito Processual do trabalho nas Universidades.

JOSÉ CRETELLA JUNIOR — CURSO DE DIREITO ROMANO — 510 págs. Cr\$ 340,00.

Apresenta-nos a utilidade do estudo de direito romano em nossos dias. Abarca todo o programa de direito romano nas universidades. Põe o direito romano em paralelo com o direito civil brasileiro.

REVISTA DE CULTURA - AMILCAR CABRAL — APOESIA DE CABO VERDE — 80 págs.

Neste número abordando variados temas como, Os impasses da Imprensa brasileira, Apontamentos sobre a poesia Caboverdiana, entre outros, até o Romance Realista, Quadrinhos: balanço crítico ou sobre a dialética de um discurso.

HUMBERTO THEODORO JUNIOR — PROCESSO DE CONHECIMENTO — 894 págs.

TOMO I E TOMO II — Cr\$ 290,00 (Encadernados)

Obra prática elaborada não só com a finalidade de ser útil aos profissionais do direito, como e também com o objetivo de atingir a nível didático dos cursos jurídicos, que inclui conceitos em bases doutrinárias nas melhores fontes do direito processual moderno, tanto doutrinárias como jurisprudenciais.

EDITORA VOZES

ARI ARAUJO E ERIKA FRANZISKA HERD — 160 págs. AS ESCOLAS DE SAMBA (Um espetáculo antropofágico) O AMIGO DA MADRUGADA (O fenômeno Adelson Alves).

O samba puro está morrendo e não sabe. A comunidade negra que deveria defender a sua maior manifestação musical está... Festivalem então, as escolas de samba, tais como as que vemos hoje, a uma alienação em relação às culturais negras?

Quanto a programação radiofônica, explora-se na massa inculta a sua tendência reconhecida de assimilar o pior. E por isto, o rádio glorifica o crime, transformando a programação vespertina em sórdida crônica policial. Motivo? A perseguição de índices de audiência que conferem, a certas emissoras, uma liderança duvidosa.

REVISTA DE CULTURA — CIENCIAS SOCIAIS EXPECTATIVAS E TENDENCIAS — 84 págs.

O centro de documentação e pesquisa da família e população, da Universidade Unisinos de São Leopoldo, RS, preparou para este número um estudo da dinâmica populacional brasileira e o planejamento familiar.

REVISTA DE CULTURA — 80 págs.

O presente número, de tendência politemática, mostra muito bem. Existe um fio condutor, nem sempre muito claro, entre os seus diversos artigos: ora é uma preocupação de ordem política, ora é uma preocupação de ordem artística. Neste número artigos sobre Imprensa — além da censura.

CADERNOS SEAF — 88 págs.

Com textos apresentados originalmente em ciclos de conferências organizados pela SEAF-RIO. Constituinte assim os primeiros frutos de suas iniciativas e prestam-se para marcar a linha de interesses a orientar a vontade de reflexão crítica a que pretendem servir os trabalhos de nossa sociedade.

EDITORA NOVA FRONTEIRA

BERTOLT BRECHT — ESTUDOS SOBRE TEATRO — 212 págs. Cr\$ 140,00.

Não é como se pode supor, uma obra teórica. Pelo contrário, o extraordinário autor dramático cuja obra transformou a técnica teatral deste século, revela neste livro a sua técnica mas também o fruto de sua experiência. Não se pode entender o teatro de Brecht ignorando o que ele pensava do teatro na vida. Estudos sobre Teatro é assim um achado decisivo para saber porque e como é a sua visão do papel da dramaturgo no nosso tempo.

EDITORA E.P.U. EDUSP

IDA JEAN ORLANDO — O RELACIONAMENTO DINAMICO ENFERMEIRO/PACIENTE — 112 páginas. Cr\$ 90,00.

Trata-se de uma rica fonte de experiências pessoais e profissionais e pessoais que interessa a enfermeiros, auxiliares, atendentes, enfim, a todos aqueles cuja atividade profissional gira em torno do paciente.

CONTRAMÃO — Antologia que reúne diversos autores, em segunda edição. 96 p. Cr\$ 40,00.

Reune poemas de Aristides Klafke, Arnaldo Xavier, Celso L. Marangoni, Lúcia Villares, Maurício Merlini, Tadeu Gonçalves e Ulisses Tavares.